

## **PESQUISAS ESCOLARES DA DISCIPLINA HISTÓRIA: influências na formação da consciência histórica**

JOSÉ JOSBERTO MONTENEGRO SOUSA\*  
FRANCIELE AMARAL RODRIGUES DOS SANTOS\*\*

A aprendizagem histórica ocorre por diferentes processos e maneiras de proceder com relação ao interesse pelo passado. Não um passado qualquer, abstrato, desarticulado do vivido, de sentidos e significados constituintes da identidade cultural da qual somos historicamente herdeiros. É precisamente para este campo que convergem os esforços e reflexões da educação histórica e seus fundamentos, voltados à investigação da consciência histórica e as teorias do aprendizado da história atinentes à didática desta disciplina (RÜSEN, 2010: 41).

Neste trabalho, abordaremos expressões e conteúdos indicativos de conceitos de natureza histórica constituintes de conhecimentos prévios de jovens estudantes, particularmente aqueles que os jovens apreendem no cotidiano, em instâncias exteriores ao âmbito do ensino escolar da história. Concomitantemente, busca-se refletir sobre a relação destes conteúdos indicados pelos jovens estudantes com o programa de estudos desenvolvido em sala de aula pelo professor de história.

Para tanto, valemo-nos de Rüsen (2010, p. 42) ao afirmar que nas relações estabelecidas com o passado, desencadeiam-se determinados atos mentais que indicam formas de relacionar-se com o tempo, as quais encerram “operações centrais da consciência histórica”. Estas operações da consciência histórica manifestam-se por meio de narrativas e destas podem ser explicitadas concepções próprias de didática constitutiva do sentido atribuído à experiência do tempo. Assim, o “aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como processo mental de construção de sentido sobre a

---

\* Professor Adjunto II no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia/Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (UFU/FACIP). E-mail: josbertoms@yahoo.com.br

\*\* Graduada em História na Universidade Federal de Uberlândia/Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (UFU/FACIP). Bolsista PIBIC – CNPq. Email: fra21amara@hotmail.com

experiência do tempo através da narrativa histórica” (RÜSEN, 2010:43).

As interações entre diferentes formas de aquisição de conhecimento da experiência do tempo, em última instância resultam no que vem a ser a formação histórica. Concretamente, as formas de aprender história podem ser percebidas socialmente por operações categorizadas conforme níveis ou processos didaticamente cognoscíveis de maneiras de ensinar e apropriar-se de conhecimentos. O contato com o passado acontece tanto de maneira informal, nas relações vividas, quanto de modo formal, regrado pelas vias instituídas como a escola, meios de comunicação, entre outros. Particularmente quanto ao ensino escolar, podemos considerar que assumiu lugar de grande relevância na tarefa de proporcionar formação intelectual, política e cultural das sociedades desde a modernidade. A escola sistematiza e conduz um conjunto de procedimentos voltados a uma formação geral, articulada com determinadas expectativas postas em prática de acordo com interesses políticos historicamente vigentes. Nessa perspectiva, nosso interesse consiste em compreender o processo de formação de uma consciência história notadamente marcada por métodos de ensino que concebem os conteúdos de história como algo pronto, configurado pela aquisição de conhecimentos desconectados da experiência histórica e cultural vividas pelos estudantes.

Os estudos pertinentes ao campo da educação histórica trazem como preocupação central um conjunto de questões situadas em torno da área específica de investigação das operações e funções da aprendizagem histórica. Mais precisamente, no que se refere à aprendizagem de noções de história e suas contribuições no sentido de compreender os sentidos que os indivíduos atribuem à história. “A educação histórica pressupõe uma reflexão sobre a natureza do conhecimento histórico. Centrando-se principalmente nas questões relacionadas à cognição e metacognição da histórica, tendo como fundamento a epistemologia da história” (CAINELLI; SCHMIDT, 2011, p. 9-17).

De mesmo modo, buscamos ainda referências no pensamento do teórico Jörn Rüsen. Para este autor (2010), os problemas concernentes ao aprendizado da história remetem às formas como é praticado o ensino desta disciplina. Acredita que importa atentar para usos da história na vida das pessoas, e para isso, é necessário compreender as tipologias da didática da história. Ainda segundo Rüsen (2010), uma didática da história válida

deve considerar as formas de aprender e ensinar história como partes integrantes dos estudos históricos e, portanto, da formação de professores de história.

Acerca da didática da história, Rüsen (2012:27), salienta que durante o processo de profissionalização da história enquanto disciplina, ocorreu a exclusão da competência da reflexão histórica racional de sua articulação com a vida prática. As formas de aprendizagem que corroboram para a formação da consciência histórica perpassam a compreensão sobre as competências mobilizadas pelos seres humanos quanto às necessidades de orientação temporal como dimensão essencial à própria existência. A orientação temporal é caracterizada pela maneira como as pessoas se relacionam com o tempo, por meio da percepção e pertencimento das temporalidades essenciais à constituição de uma identidade histórica.

A formação da consciência história é adquirida, ainda conforme Rüsen (2007b: 48-63), por diferentes processos de formação histórica a qual compreende a articulação de níveis de cognição aos quais o autor categoriza, por meio de sua didática da história, como tipologias de aquisição de noções de sentido do passado. A saber, a constituição tradicional de sentido, apreendida nas relações sociais vividas por suas formas de interpretar e se situar no tempo; a constituição exemplar de sentido, pela qual a história ensina a partir de acontecimentos passados regras para o agir; constituição crítica de sentido, caracterizada pelo estabelecimento de posturas que questionam os acontecimentos históricos vigentes; e constituição genética de sentido, marcada pela capacidade percepção das mudanças temporais e suas interferências nas formas de vida. Em outros termos, é possível dizer que a dimensão da educação histórica fundamentada na compreensão dos processos que orientam a formação da consciência histórica, pressupõe que a aprendizagem da história seja considerada para aqueles a quem se direcionam os objetivos do ensino, neste caso, os estudantes de educação básica, “como significativa em termos pessoais, de modo a lhes proporcionar uma compreensão mais profunda da vida humana (SCHMIDT, 2011).

Ao propormos tratar de questões referentes à aprendizagem histórica, torna-se necessária a delimitação do que vem a ser o campo de estudos constituído pela especialidade teórica e empírica dedicada à investigação denominada Educação Histórica. Para tanto, consideramos fundamentais as contribuições das leituras acerca da

produção científica disponível que se dedica à reflexão sobre esta temática, que segundo Barca (2010:25), *“tende a privilegiar as concepções dos agentes diretos da aprendizagem e do ensino, deixando em segundo plano os documentos mais ou menos prescritivos com que os agentes principais trabalham em situação de aula”*.

Com efeito, para a fundamentação teórica do campo da educação histórica, têm sido essenciais as reflexões do historiador Jörn Rüsen, particularmente a trilogia de teoria da história: Razão histórica (2001), Reconstrução do passado (2007) e História viva (2007), ao articular a fundamentação conceitual da teoria da ciência da história ao interesse pelos processos cognitivos de formação da consciência histórica, e às perspectivas de aprendizagem histórica, sistematizadas pela didática da história.

A História enquanto disciplina científica tem como objeto de estudo o tempo, em específico o “passado”, e esse tempo constitui o devir do indivíduo e da sociedade na qual está inserido. Para melhor compreender as experiências vividas nesse tempo constitutivo, e como essas experiências são usadas na vida prática pelos alunos, contamos com a Didática da História, que se ocupa de concepções teóricas de aprendizagem e da formação da consciência histórica. A Didática nos permite conhecer o pensamento histórico de professores e alunos e, não obstante, nos permite ainda conhecer a forma de como esses alunos apreendem o ensino de história e como eles trazem esse conhecimento para a vida prática. Afinal, o aprendizado histórico é o objeto da Didática da História e essa é sua grande preocupação: aprender como se aprende história, para saber ensinar.

A Didática da História, como disciplina científica, atua sobre os processos com os quais se desenvolve o aprendizado histórico, e preocupa-se com o conjunto de pressupostos que possibilitem compreender e situar as experiências vividas no tempo. O intuito desta disciplina é mobilizar mecanismos para tornar e promover a formação da consciência histórica a partir dos sentidos que diferentes atores atribuem à história. Para a didática da história, é imprescindível a articulação com os fundamentos teóricos da ciência da história como condição para pensar o ensino e a formação da consciência histórica que se dá por meio concreto das formas de apreender a história, seja de forma empírica, nas práticas da vida social, ou mediada pelo professor em sala de aula.

De acordo com Klaus Bergman (1989:29) a Didática da História se ocupa com o estudo da consciência histórica e seu significado para a formação do indivíduo, “com o conteúdo e os efeitos da consciência histórica num determinado contexto sócio-histórico”. Bergman propõe a constituição da didática da história enquanto disciplina científica que investiga e interpreta o sentido do passado humano, com o intuito de buscar orientação para o presente e trazer perspectivas para o futuro. Esta interpretação, porém, consiste na ruptura com interpretações do passado por ele mesmo evidenciada em determinadas práticas de aprendizagem histórica. Segundo Cainelli & Schmidt (2011:84) o objetivo da aprendizagem histórica é apropriar-se do passado pelo conhecimento do presente para orientar-se no fluxo do tempo.

Neste sentido, a relação com o passado, na perspectiva da aprendizagem histórica, tem como ponto de partida inquietações formuladas no presente. A forma de como se busca esse passado, as interpretações, as explicações, o modo como o professor elabora o ensino sobre o passado, de acordo com Schmidt (2011) devem fazer parte do processo de “didatização” do passado que se convencionou chamar “saber escolar”. A questão é como desenvolver essa questão sobre o passado com jovens e crianças; de que forma esse passado contribui para sua formação no âmbito sociocultural. Considerando, portanto, a relevância das idéias de história adquiridas fora da sala de aula, torna-se fundamental conhecer os meios, as formas de apreensão de conteúdos sobre o passado que os jovens carregam consigo, e como estas interferem na aprendizagem histórica.

A este respeito, Schmidt (2011) aponta uma inquietação pertinente acerca da maneira pela qual as crianças e os jovens alunos se apropriaram do passado. Esse é o desafio, saber o que essas crianças e jovens trazem consigo, qual é o saber histórico que eles adquirem fora do espaço escolar, e como o pressuposto da educação histórica pode mediar esse conhecimento para contribuir com a formação da consciência histórica desses indivíduos.

De forma a lidarmos com a aquisição de conhecimento histórico a partir da apreensão de jovens estudantes por meio das pesquisas escolares, vale atentar para pressupostos apontados por Barca(2011:33), ao sugerir que “para indagar sobre os tipos de consciência histórica de jovens não basta à exploração de conceitos de natureza epistemológica.” É necessário atentar, identificar e usar o que denomina “conhecimento

substantivo sólido”, para então se chegar às idéias dos jovens sobre temas e conteúdos de história.

Os estudos sobre os processos de escolarização de conteúdos concernentes as diferentes disciplinas avançaram bastante nas últimas décadas, no entanto, há dimensões destes procedimentos ainda relativamente carentes de investigação mais consistente. Sobretudo ao se pensar em dimensões cada vez mais complexas e dinâmicas de difusão de conteúdos informacionais das mais diferentes ordens, tais como o relativamente recente acesso aos conteúdos disponíveis na rede mundial de computadores – internet. As mudanças e transformações em si constituem foco de interesse e análise à pesquisa histórica. Porém, pretendemos dispensar a atenção particular para compreender formas adicionais de aprendizado e aquisição de conhecimentos históricos originados externamente ao implementado no escopo dos saberes escolares. Neste sentido, direcionamos o foco desta investigação às formas de aprendizagem histórica realizada por estudantes em suas “pesquisas escolares” demandadas por professores de história. Neste sentido, almejamos identificar materiais, recursos, fontes que auxiliam na realização das chamadas “pesquisas escolares” e a maneira como interferem ou influenciam na formação da consciência histórica de jovens.

Para tanto será necessário fazer um mapeamento dos materiais recorrentemente utilizados por estes estudantes a fim de conhecer que tipos de orientação recebem e como se dá aprendizagem histórica fora do ambiente escolar. Temos como hipótese significativa inicial quanto a noção de que nestas circunstâncias ocorre uma prática educativa fortemente marcada pela reprodução de conteúdos extraídos de manuais didáticos e outros como enciclopédias e obras produzidas por memorialistas. Estes últimos particularmente quando se trata da história local.

Para obtenção de dados empíricos que viabilizem acompanhar a maneira como estudantes buscam responder as “pesquisas escolares” solicitadas por professores de história de diferentes níveis de escolaridade do ensino básico, elegemos como procedimento metodológico inicial a aplicação de enquete em turmas duas turmas de uma escola da rede pública municipal de ensino de Ituiutaba, MG.

Recorremos à enquete por considerarmos que esta atenderia à perspectiva de construir uma primeira aproximação diagnóstica, além de corroborar com pressupostos da

investigação qualitativa a ser realizada posteriormente, A enquete composta por nove itens foi aplicada durante aula do professor de história em uma turma do sétimo ano do ensino fundamental, composta por 33 estudantes. E uma turma do primeiro ano do ensino médio, formada por 22 estudantes. As questões abordam diferentes temas do processo de ensino-aprendizagem, as quais discutiremos a seguir, analisando os indicativos e significados das respostas dos estudantes.

A primeira questão formulada na enquete: *“O seu professor de história costuma passar atividades para fazer fora da sala de aula? Especifique que tipo de trabalho.*

Dentre as respostas apresentadas para a turma de sétimo ano, dos 22 estudantes, 16 responderam afirmativamente. Destes, ao especificarem o tipo de atividade solicitada, seis destacam que o professor, após tratar determinadas temáticas, indica filmes. Outros cinco fizeram referência ao uso da internet para responder às solicitações das tarefas do professor de história.

Na turma do primeiro ano do ensino médio, composta por 33 estudantes, somente 18 afirmaram que o professor solicita tarefas a serem realizadas em casa. Neste caso, ao especificarem, remeteram aos temas ou assuntos abordados. Dentre as repostas, há algumas que se destacam por fazerem alusão à estas tarefas favorecerem à aprendizagem.

Com relação ao outro item da enquete, acerca dos “materiais ou fontes de informação que utilizam para responder às atividades solicitadas pelo professor de história”, no qual foram apresentados: I – Livro didático; II - Biblioteca; III – Internet; IV – Museu; e V – Jornais, revistas, com opção para especificar. As respostas obtidas, no sétimo ano, 26 alunos disseram utilizar o livro didático, nove recorrem à internet, 12 usam jornais e revistas e somente um a biblioteca. Entre os estudantes do primeiro ano, 20 buscam respostas para seus trabalhos na internet, 11 livro didáticos e três recorrem á biblioteca.

Em seguida, pediu-se que “explicassem como utilizam os materiais acessados”, a maioria das respostas mencionam a palavra pesquisa, com indicativos de certa preocupação em interpretar o conteúdo acessado, com expressões como: *“Leio o texto e depois começo a copiar ou responder a analisar as questões* (estudante 7ª ano). Ou ainda, *Eu leio e depois escrevo o que eu entendi com as minhas próprias palavras* (estudante 1º ano).

## Considerações

Na análise de práticas de aprendizagem que orientam as buscas de estudantes quando da realização de seus trabalhos escolares, constata-se o predomínio de atitudes recorrentemente reprodutivistas de conteúdos de história, marcada pela recepção quase mecânica do conhecimento. Porém, as narrativas históricas enunciadas indicam e remetem a certos fragmentos de conceitos e noções de temporalidade. Diante disto, admitimos algumas hipóteses:

I – as dificuldades dos estudantes de enunciarem formas mais elaboradas se devem a limites de uso da linguagem em geral.

II – as repostas dos estudantes indicam posturas e atitudes voltadas à interpretação, e ao desenvolvimento de formas de aprendizagem mediada pelo conhecimento prévio, seja da sala de aula, seja de outras orientações.

Do ponto de vista da orientada pelos pressupostos da educação histórica (RÜSEN, 2007:48-63), sugere que aprender como os alunos aprendem constitui um decisivo recurso metodológico para aprender a ensinar e adquirir consciência sobre suas próprias limitações o aluno perde seu caráter de reprodutor passivo e passa a ter uma atividade cognitiva marcada pela capacidade percepção das mudanças temporais e suas interferências nas formas de vida e se posicionar frente às mudanças e permanências.

## Referências

BARCA, Isabel. "O papel da educação histórica no desenvolvimento social." In CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 2011.

BERGMANN, Klaus. "A História na Reflexão Didática". In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 19, pp. 29-42, set. 89/ fev. 90.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 2011.

MALERBA, Jurandir (Org.). **A escrita da história: teoria da história e historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). **História. Pensar & fazer**. Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História/ UFF, 1998.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. Manuais didáticos e formação da consciência histórica. In: **Educar em revista – Dossiê: Educação histórica**. Curitiba, PR: Ed. UFPR, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reconstrução do passado. Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007a.

\_\_\_\_\_. **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007b.

\_\_\_\_\_. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT; BARCA; MARTINS (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: EdUFPR, 2010. p. 23-41.